

DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM

CIC 543-546: Jesus convida os pecadores, mas pede a conversão

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel¹, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações². Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»³.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁴. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes⁵. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome⁶, a sede⁷ e a indigência⁸. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino⁹.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁰. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹¹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹². Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹³, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁴. As palavras não bastam, exigem-se actos¹⁵. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou

¹ Cf. Mt 10, 5-7.

² Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁴ Cf. Lc 7, 22.

⁵ Cf. Mt 11, 25.

⁶ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

⁷ Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

⁸ Cf. Lc 9, 58.

⁹ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁰ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-32.

¹² Cf. Mc 4, 33-34.

¹³ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁴ Cf. Mt 13, 44-45.

¹⁵ Cf. Mt 21, 28-32.

como terra boa?¹⁶ Que faz ele dos talentos recebidos?¹⁷ Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático¹⁸.

CIC 1402-1405, 2837: a Eucaristia é antecipação do Banquete messiânico

1402 Numa antiga oração, a Igreja aclama assim o mistério da Eucaristia: «*O sacrum convivium in quo Christus sumitur: recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur* – Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»¹⁹. Se a Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, se pela nossa comunhão no altar somos cumulados da «plenitude das bênçãos e graças do céu»²⁰, a Eucaristia é também a antecipação da glória celeste.

1403 Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (Mt 26, 29)²¹. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (Ap 1, 4). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (1 Cor 16, 22), «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»²².

1404 A Igreja sabe que, desde já, o Senhor vem na sua Eucaristia e que está ali, no meio de nós. Mas esta presença é velada. E é por isso que nós celebramos a Eucaristia «*expectantes beatam spem et adventum Salvatoris nostri Jesu Christi* – enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda de Jesus Cristo nosso Salvador»²³, pedindo a graça de ser acolhidos «com bondade no vosso Reino, onde também nós esperamos ser recebidos, para vivermos ... eternamente na vossa glória, quando enxugardes todas as lágrimas dos nossos olhos; e, vendo-Vos tal como sois, Senhor nosso Deus, seremos para sempre semelhantes a Vós e cantaremos sem fim os vossos louvores, por Jesus Cristo nosso Senhor»²⁴.

¹⁶ Cf. Mt 13, 3-9.

¹⁷ Cf. Mt 25, 14-30.

¹⁸ Cf. Mt 13, 10-15.

¹⁹ *Na solenidade do santíssimo corpo e sangue de Cristo*, Antífona do «Magnificat» das Vésperas II: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 502 [*Liturgia das Horas*, v. 3 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 621].

²⁰ *Oração Eucarística I ou Cântico Romano*, 96: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.453 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 521].

²¹ Cf. Lc 22, 18; Mc 14, 25.

²² *Didaké* 10, 6: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici* 1, 24).

²³ *Rito da Comunhão*, 126 [Embolismo depois do Pai Nosso]: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.472 [a tradução oficial portuguesa difere um pouco: «enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador»: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 545]; cf. *Tt* 2, 13.

²⁴ *Oração Eucarística III*, 116: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 465 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 543].

1405 Desta grande esperança – dos novos céus e da nova terra, onde habitará a justiça²⁵ – não temos garantia mais segura nem sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, cada vez que se celebra este mistério, «realiza-se a obra da nossa redenção»²⁶ e nós «partimos o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas viver em Jesus Cristo para sempre»²⁷.

2837 «*De cada dia*». Esta palavra «*epiúsios*» não é usada em mais lado nenhum no Novo Testamento. Tomada num sentido temporal, é uma repetição pedagógica do «hoje»²⁸ para nos confirmar numa confiança «sem reservas». Tomada no sentido qualitativo, significa o necessário para a vida e, de um modo mais abrangente, todo o bem suficiente para a subsistência²⁹. Tomada à letra (*epiúsios*, «sobre-substancial»), designa directamente o Pão da Vida, o corpo de Cristo, «remédio de imortalidade»³⁰, sem o qual não temos a vida em nós³¹. Enfim, ligado ao antecedente, é evidente o sentido celestial: «este dia» é o do Senhor, o do banquete do Reino, antecipado na Eucaristia que é já o antegozo do Reino que vem. É por isso conveniente que a liturgia Eucarística seja celebrada em «cada dia».

«A Eucaristia é o nosso pão de cada dia [...]. A virtude própria deste alimento é a de realizar a unidade a fim de que, reunidos no corpo de Cristo, tornados seus membros, sejamos o que recebemos. [...] E também são pão de cada dia as leituras que em cada dia ouvis na igreja; e os hinos que escutais e cantais, são pão de cada dia. Estes são os mantimentos necessários para a nossa peregrinação»³².

O Pai celeste exorta-nos a pedir, como filhos do céu, o Pão celeste³³. Cristo «é Ele mesmo o Pão que, semeado na Virgem, levedado na carne, amassado na paixão, cozido no forno do sepulcro, guardado em reserva na Igreja, levado aos altares, fornece cada dia aos fiéis um alimento celeste»³⁴.

²⁵ Cf. 2 Pe 3, 13.

²⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

²⁷ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios*, 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

²⁸ Cf. Ex 16, 19-21.

²⁹ Cf. 1 Tm 6, 8.

³⁰ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

³¹ Cf. Jo 6, 53-56.

³² SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 57, 7, 7: PL 38, 389-390.

³³ Cf. Jo 6, 51.

³⁴ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 67, 7: CCL 24A, 404-405 (PL 52, 402).